

Seção 03: Direitos Homoafetivos, lutas LGBTI e teoria queer**Suicídio Ou Assassinato? Um Outro Crime Por Trás Da Prática Homofóbica****Laionel Vieira Da Silva****Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa**

Resumo: Vivemos hoje em uma cultura homofóbica, com a constante manifestação dos sentimentos negativos aos homossexuais, os quais enquanto vítimas de homofobia podem chegar a sofrer com uma baixa autoestima, depressão e por vezes (casos mais extremos) a prática do suicídio. O presente estudo tem como objetivo refletir acerca da relação entre homofobia e a prática de suicídio. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Foram encontrados relatos de jovens que já pensaram em cometer suicídio devido à prática homofóbica na qual foram vítimas, bem como notícias de jovens que cometeram suicídio. Os resultados atentam para a necessidade de se enxergar o fenômeno homofóbico como um crime contra a vida, da maneira como ele realmente se expressa.

Palavras-chave: Homofobia. Heteronormatividade. Suicídio. LGBT.

Abstract: Today we live in a homophobic culture, with the constant manifestation of negative feelings against homosexuals, which as victims of homophobia can get to suffer with low self-esteem, depression and sometimes (most extreme cases) the practice of suicide. The present study aims to reflect on the relationship between homophobia and the practice of suicide. This research was based on a literature review. There were found reports of young people who have thought about committing suicide due to the homophobic practice, which they suffered as victims, as well as news of young people who committed suicide. The results call attention to the necessity of understanding the homophobic phenomenon as a crime against life, in the way it is actually expressed.

Keywords: Homophobia. Heteronormativity. Suicide. LGBT.

Introdução

O comportamento homossexual está presente na história da humanidade e em diversas culturas há milênios, assim como a prática da heterossexualidade, não se trata de um fenômeno recente ou que tenha um momento histórico no qual possamos delinear o seu surgimento, o que encontramos, no entanto, são olhares diferentes conforme se modificam o entendimento coletivo acerca das vivências humanas.

Ao olharmos a nossa história ocidental encontramos exemplos de grandes homens, pensadores e filósofos que viviam a sua sexualidade de maneira natural, por exemplo temos na Grécia Antiga, discursos como o de Ésquines (389-322 a.C.) e Demóstenes (384-322 a.C) perante a assembleia de Atenas, falando abertamente sobre seus amores por outros homens (TORRÃO FILHO, 2000)

A prática homossexual pode ser observada em diversos contextos na Grécia Antiga, sobre tudo em Esparta e Atenas. Na primeira, uma sociedade guerreira, os casais de amantes homens eram incentivados inclusive como parte do treinamento e disciplina militar, pois tais práticas propiciavam a coesão às

tropas. Em Tebas, uma colônia de Esparta, existia um chamado Pelotão Sagrado de Tebas, uma tropa de elite composta de aproximadamente 150 casais homossexuais de soldados, mantidos com recursos públicos, sendo um símbolo de valentia e poder militar. (TORRÃO FILHO, 2000).

Com a ascensão do cristianismo e o seu envolvimento direto nas questões políticas durante a idade média o cenário de aceitação da homoafetividade assim como de toda a expressão sexual humana passa então a sofrer modificações e opressões de ordem ideológicas da igreja. Como afirma Carvalho (2003), citado por Mesquita (2008) foi a partir do da idade média que a igreja se manifestou contra a homossexualidade, utilizando como justificava mais especificamente o capítulo XIX do Gênese, que narra à história de Sodoma e Gomorrah, duas cidades que supostamente teriam sidas destruídas por deus, cuja interpretação erade que a homossexualidade e práticas sodomitas seriam a razão da punição divina.

Seguindo a lógica da discriminação e intolerância aos homossexuais, O III Concílio de Latrão, de 1779, tornou a homossexualismo crime e algumas legislações dos séculos

XII e XIII penalizavam a sodomia com a morte (RIBEIRO, 2003).

A igreja católica passa a adotar explicitamente a sua posição anti-homossexual, e a condenar a homossexualidade, reiterando, sua aprovação em relação às relações heterossexuais dentro do matrimônio, classificando a contracepção, o amor livre e a homossexualidade como condutas moralmente inaceitáveis, que distorcem o profundo significado da sexualidade (MOTT, 2002).

Com tudo, desde o século XIX, Sigmund Freud, através do surgimento e sistematização de seus estudos, através da psicanálise, comprovou-se que todos somos em algum grau perversos polimorfos, com forte presença da bissexualidade em nossa libido. Alguns anos depois, Kinsey, conhecido como o pai da sexologia, descobriu em suas pesquisas, já em 1948 que 37% dos homens ocidentais tinham experimentado na idade adulta, ao menos dois orgasmos com alguém do mesmo sexo. Uma sociedade condicionada e tão fortemente marcada pela homofobia (e o ódio à homossexualidade) onde ao mesmo tempo a quase totalidade das pessoas sentem desejos unissexuais e número

significativo de indivíduos já experimentou secretamente algum tipo de experiência homoerótica, tal contradição profunda provoca um ódio doentio contra o próprio desejo homoerótico, sobretudo contra aqueles que ousam transgredir a ditadura heterossexista (MOTT, 2002).

Segundo Mott (2002), a este ódio contra a homossexualidade a psicologia chama de homofobia internalizada, provocando sintomas diversos, incluindo neuroses de frustração sexual, suicídio e atos violentos, como agressões e assassinato sádico de homossexuais.

No Brasil, até o final da década de 90, a Psicologia não havia tomado posicionamentos que garantissem o respeito à sexualidade humana. Enquanto diversas entidades científicas condenaram a discriminação à homossexualidade e levaram, em 1985, o Conselho Federal de Medicina a não considerar a homossexualidade como doença (ALMEIDA & CRILLANOVICK, 1999), tanto o Conselho Federal de Psicologia (CFP) como outras instituições científicas ou profissionais ligadas à Psicologia não se manifestaram. Sem expressar um preconceito explícito contra os homossexuais, boa parte dos psicólogos

tratavam a homossexualidade como um distúrbio que deve ser assumido ou, se possível, superado.

De maneira ainda mais grave, certas igrejas evangélicas, com acolaboração e participação ativa de psicólogos, criaram os chamados serviços de recuperação de homossexuais (ALMEIDA & CRILLANOVICK, 1999, Apud, LACERDA, PEREIRA & CAMINO, 2002), prometendo o retorno à suposta verdadeira natureza do homem. Diante das denúncias feitas pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, o Conselho Federal de Psicologia promulgou, em 1999, a Resolução 001 que estabelece, aos psicólogos, normas de atuação em relação ao tema da orientação sexual. De maneira que, a resolução considera que a homossexualidade não é uma doença, nem distúrbio, nem perversão e estabelece que os psicólogos não colaborarão com nenhum tipo de propostas de tratamento e de cura da homossexualidade.

Sendo assim, ao nos depararmos com uma sociedade na qual provoca a homofobia através da exclusão social, o presente estudo tem como objetivo refletir acerca da relação entre homofobia e comportamentos suicida,

estabelecendo algumas discussões acerca do sofrimento vivenciado pelos homossexuais vítimas do discurso de ódio homofóbico, bem como da presença do fenômeno da homofobia internalizada.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico feito a partir de materiais da literatura científica.

Heteronormatividade

A princípio torna-se necessário, desmembrarmos o termo heteronormatividade para o entender melhor, assim como entender as suas implicações e a sua força causal sobre as formas de organizações e funcionamento da sociedade ocidental moderna. (SANTOS apud PETRY E MEYER, 2011) Essa palavra é composta por dois vocábulos, hetero que significa outro, diferente, sendo o contrário de homo, que significa igual. Se tomarmos ainda, o termo hetero com relação à sexualidade “a palavra heterossexual diz respeito à atração que uma pessoa sente por outra(s) de sexo diferente do seu,

enquanto que a palavra homossexual diz respeito à atração que uma pessoa sente por outra(s) do mesmo sexo.”(SANTOS apud PETRY E MEYER, 2011)e o outro vocábulo norma significa algo que regula e que busca tornar igual ou ainda como coloca Luís santos citado por Petry e Meyer (2011) que ainda “cabe dizer que ‘norma’ pode também estar associado ao ‘normal’, ou seja, aquilo que segue uma norma”(SANTOS apud PETRY E MEYER, 2011), e com isso podemos dizer que a heteronormatividade é “aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes.” (SANTOS apud PETRY E MEYER, 2011)

O termo heteronormatividade, foi forjado por Michael Warner no ano de 1991, sendo compreendido como um padrão de sexualidade na qual regula o modo como são organizadas as sociedades organizadas. “Trata-se, portanto, de um significado que exerce o poder de ratificar, na cultura, a compreensão de que a norma e o normal são as relações existentes entre pessoas

de sexos diferentes.” (PETRY E MEYER, 2011)

Sobre a naturalização da heteronormatividadePetry e Meyer (2011) nos mostram que:

Em relação ao modo como a heterossexualidade – e a heteronormatividade – está naturalizada na cultura, é preciso considerar que isto tem uma história, relacionada com articulações específicas de poder-saber que, em um determinado tempo e lugar, legitimaram o comportamento heterossexual como “normal”. Nesta direção, e desde o século XIX, o discurso médico tem se ocupado de formalizar a heteronormatividade e o binarismo dela decorrentes “normalizando as condutas sexuais e as expressões da masculinidade e da feminilidade em parâmetros de saúde/normalidade ou doença/anormalidade” (LIONÇO apud PETRYE MEYER, 2011). O sexo e o gênero são materializados nos corpos por normas regulatórias que são constantemente reiteradas, repetidas e ratificadas e que assumem o caráter de substância e de normalidade (BUTLER apud PETRYE MEYER, 2011) em um processo que visa disciplinar formas de masculinidades e de feminilidades possíveis e diferentes entre si.

E ainda nos mostra os corpos que vão contra essa dualidade existente:

Entretanto, há corpos que não se submetem e não aderem à essa norma, reinventando-se continuamente (BENTO, 2006). Assim, e no aporte teórico que subsidia este trabalho, o corpo seria não “uma entidade biológica universal (...) mas um construto sócio-cultural e linguístico, produto e efeito das relações de poder” (MEYER apud PETRYE MEYER, 2011). Nesta direção, entendemos que o Processo Transexualizador, ao objetivar adaptar o corpo do sujeito às regras de gênero e sexualidade socialmente estipuladas, é fruto deste discurso biomédico e deste sistema heteronormativo que fixa o binarismo de gênero, desconsiderando que os pólos podem ser, conforme Louro, (apud PETRYE MEYER, 2011) múltiplo e plurais.

Bento (2011) vem e nos mostra uma realidade sobre as pessoas, que não seguem os “Normais”:

Os “normais” negam-se a reconhecer a presença da margem no centro como elemento estruturante e indispensável. Daí as instituições eliminarem-na obsessivamente por insultos, leis, castigos, assassinatos. As mortes das travestis e transexuais se caracterizam pelo ritual de perversidade. Não basta um tiro, uma facada. Não basta matar uma vez. Mesmo diante do corpo moribundo, o assassino continua atirando e golpeando. Quem está sendo morto? A margem? Não seria o medo de o centro admitir que ela (a transexual/a margem) me habita e me apavora? Antes matá-la. Antes agir em nome da

norma, da lei e fazer a assepsia que garantirá o bom funcionamento e a regulação das normas. Outra solução “mais eficaz” é o confinamento dos “seres abjetos” aos limites dos compêndios médicos e trazê-los à vida humana por uma agulhada que marca um código abrasado a cada relatório médico que diagnostica um “transtorno”.

A construção da Heteronormatividade e sua (re)produção

A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho. (PETRYE MEYER, 2011)

É um Menino ou Menina? O que é ser um menino e ser uma menina?

A interpelação “é um/a menino/a” não apenas cria expectativas e gera suposições sobre o futuro daquele corpo que ganha visibilidade através dessa tecnologia, seus efeitos são protéticos: faz corpos. O gênero, portanto, é o resultado de tecnologias sofisticadasque

produzem corpos-sexuais.
(BENTO, 2011)

Ao engravidar, a mulher cria expectativas e perspectivas em cima do futuro filho/filha, se questionando a ela própria, vai ser menino ou menina? Acho que prefiro um menino ou prefiro uma menina? Ao chegar a uma resposta, a mãe cria em sua mente várias características de seu futuro filho e constrói para ele vários aspectos do seu ser como indivíduo social.

Enquanto o aparelho da ecografia passeia pela barriga da mãe, ela espera ansiosa as palavras mágicas que irão desencadear as expectativas. A ansiedade da mãe aumenta quando o aparelho começa a fixar-se ali, na genitália, e só termina quando há o anúncio das palavras mágicas: o sexo da criança. A materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto. Toda a eficácia simbólica das palavras proferidas pelo/a médico/a está em seu poder mágico de gerar expectativas que serão materializadas posteriormente em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o/a futuro/a filho/a antes mesmo de o corpo vir ao mundo (BENTO, 2011)

Ao se constatar o sexo do bebê, busca agora definir as características antes dualísticas, características masculinas e femininas, e agora

direitista, se for uma menina, ela será meiga, usará o roupas cor de rosa, brincará de bonecas e de cozinha, terá 1,2,3 ou mais filhos, se casará e ser for um menino ele será machão, usará roupas azuis, brincará de bola e de lutas, e trabalhará em um bom emprego para sustentar a sua família, Bento (2011), nos trás um questionamento que se torna oportuno citarmos aqui, “No entanto, como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência?”. (BENTO, 2011) Será realmente possível se definir os gostos, sentimentos, comportamentos e estilos de vida de todas as pessoas com base em um sistema dualístico, que possui como base de formação a aparência de órgãos externos e internos de um indivíduo, para se definir todos os elementos já citados a cima?

A Família da criança construirá a partir de um estereotipo binarista alguns aspectos a respeito dessa futura criança, ela terá que seguir regras ao nascer, regras estas que serão impostas e que serão obrigadas a seguir, caso não siga, este será colocado como um ser que esta indo de encontro ao ser "natural", como

Barbosa e Cruz (2014) nos demonstra ao construir a figura do monstro:

O Monstro, o ser distinto do que se define como real e correto, nós leva a imaginar seres completamente diferentes do ser “humano perfeito” que conhecemos, as características disformes, proporções inadequadas as normais, ora uma parte do corpo é mais ressaltada do que outra, outrora é outra, essa distinção de busca de semelhança ao ser da classe/estrato da qual fazemos parte para nos sentirmos refletidos de alguma maneira no outro ou não, e essa não semelhança (social, genética, moral, teológica, normativa etc.), não sendo atingida por este indivíduo há uma quebra de expectativa e sendo assim, o outro do qual não tem as mesmas características que a minha, ele acaba não se assemelhando a mim, e sendo assim o vínculo de semelhança quebrado, surge o que santo Agostinho define como “ O Monstro”, significa o que vai contra á ordem da natureza[...].(BARBOSA E CRUZ, 2014)

A nossa sociedade possui uma dualidade de gênero e que define o que é e o que deve ser cada indivíduo, existindo assim um suposto encaixe perfeito, onde não se é admissível nada além do que já existe homem/masculino e mulher/feminino, e a sociedade toma esse dualismo como verdade absoluta, sendo esse sistema perfeito e pré-existente ao próprio indivíduo, sendo o

que se encaixa a ele tão perfeito quanto e tudo que fugir a essa regra, é considerada imperfeito. (BARBOSA, 2014) Havendo assim:

Uma lógica na representação hegemônica do gênero e da sexualidade que definiria uma coerência “natural” e “inerente” entre sexo-gênero-sexualidade; isto é, cada sexo só poderia interessar-se pelo sexo oposto (sexualidade heterossexual) e este interesse seria ratificado pela possibilidade procriativa. (GUACIRA apud PETRY E MEYER, 2011)

Afinal, como podemos afirma a existência de um referencial natural, original, para que se vivencie o gênero, se quando nascemos já encontramos as estruturas formadas e em pleno funcionamento, afirmando o que é certo e o que é errado, normal e patológico? (BENTO, 2011) “O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo.”(BENTO, 2011) Sendo então, esse dado que tomamos como natural, o corpo-sexuado, apenas um resultado das normas de gênero. (BENTO, 2011)

Os discursos e ideias Sobre a sexualidade humana têm sido construída em torno dos conceitos de sexo, gênero e sexualidade e que são envoltos em uma

intensa regulação das ações condutas e identidades e práticas sexuais. (VENTURA, 2010)

Esses três conceitos citados acima (sexo, gênero e sexualidade), admitem vários significados, e iremos aqui nos apropriar dos significados dados por Ventura (2010), para cada um desses conceitos:

O gênero possui muitos significados, como o dado na antropologia e na Biologia, como é definido por Ferreira (2004): significa "a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos" (FERREIRA apud VENTURA, 2010) e na Biologia, como uma "Categoria taxonômica compreendida entre a família e a espécie". (FERREIRA apud VENTURA, 2010). Podemos afirmar que essa categoria foi introduzida entre (1960-1970) pelos cientistas sociais, tendo então como finalidade evidenciar e determinar o que é masculino e feminino. (VENTURA, 2010). Apesar disso, existem algumas definições diferentes uma da outra, que estão relacionadas ao gênero nas teorias

sociais, existindo pelo menos duas dessas: Sendo o gênero para a primeira, entendida como um atributo de indivíduo, entretanto para a outra considera o gênero como um atributo de regulação social. (SCOTT; BUGLIONE apud VENTURA, 2010).

Gênero remete a todas as formas de construção social, cultural e linguísticas que estão implicadas com os processos que tornam diferentes/distintos as mulheres dos homens, estando incluso também os processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER apud PETRY E MEYER, 2011)

O conceito de Sexo é bem diversificado, no dicionário da língua portuguesa existe quatro significados: O biológico: que seria a diferença entre macho e fêmea, Classificatório: o conjunto de indivíduos que possuem o mesmo sexo, O sinônimo de sexualidade: sensualidade, volúpia e o quarto conceito, que faz referência aos órgãos genitais externos. (FERREIRA apud VENTURA, 2010)

Sexualidade é um termo usado recentemente (VILLELA E ARILHA apud VENTURA, 2010), este aparece no dicionário como um sinônimo do sexo,

como mencionado anteriormente e também como fenômenos que acontecem na vida sexual, estando relacionadas aos atos sexuais, sendo a definição desse conceito, elaborada em três perspectivas:

A Essencialista, que dá ênfase ao imperativo biológico e/ou natural da sexualidade, entendendo que esta é determinada por fatores biológicos e fisiológicos invariantes. (ZAMBRANO apud VENTURA, 2010)

A Interacionista, que entende que a sexualidade se desenvolve por meio de uma interação de diversos fatores individuais – biológicos e psicológicos – e sociais. (VILLELA E ARILHA apud VENTURA, 2010)

A Construtivista, que explica a sexualidade como um constructo social e admite que a identidade sexual seja adquirida por escolha. (ZAMBRANO apud VENTURA, 2010)

O sistema sexo-gênero, homem/masculino e mulher/feminino, é fundamentado em uma base biológica e na diferença sexual, determina, combinações entre seus elementos, levando em conta, um sistema binário, onde se compreende o homem e a mulher, e que esse acaba por determinar o que é considerado "normal" para cada indivíduo que está inserido em um determinado gênero, sendo menina tem

determinadas características pré-estabelecidas e sendo menino outras, esse se converte em um sistema regulador da sexualidade dos sujeitos. (VENTURA, 2010) como menciona Bento (2008) ao falar da existência de uma ordem de gênero fundamentada na diferença sexual.

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica.⁷ Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada (BENTO, 2011)

Se torna importante, coibir essas práticas, como nos espaços escolares em que Warner nos mostra em sua fala que:

A escola é um espaço obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade – um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade “natural” e legítima de expressão

(WARNER apud
JUNQUEIRA, 2012)

Ao existir esse sistema, como já foi citado, também surgem afirmações para o usar como uma arma de opressão a esses que fogem a regra imposta, como "uma mulher é o indivíduo que nasce com uma vagina e é um homem o indivíduo que nasce com um pênis" e isso não pode ser invertido, ou seja nunca será um homem se ele tiver nascido como mulher, como também nunca será uma mulher se ela tiver nascido como homem. (BARBOSA, 2014)

Um homem que nasce como homem nunca poderá se uma mulher e uma mulher que nasce mulher para os padrões da heteronormatividade nunca poderá ser um homem, o fato de existir essa heteronormatividade, que para Bento (2008) é a capacidade da heteronormatividade de se apresentar como norma, sendo uma lei que regula e determina a impossibilidade da existência fora dos seus marcos, ou seja, um sistema tido como norma onde o indivíduo só pode ser o que é, um homem e uma mulher, e nunca poderá existir a/o transexual por exemplo, pois este foge ao sistema, sendo esse um modelo hegemônico imposto. (BENTO apud BARBOSA, 2014)

Assim, o gênero, enquanto organizador da cultura, e em articulação com sexualidade, modula o modo heteronormativo de como homens e mulheres "devem" se comportar, como seus corpos podem se apresentar e como as relações interpessoais podem se constituir, nesses domínios. (PRETTY E MEYER, 2011)

Portanto, podemos chegar à conclusão de que a heteronormatividade, tem como finalidade regular e normatizar os modos de ser e de viver os desejos corporais e sexuais. Estando estabelecido socialmente para as pessoas, apenas duas possibilidades na locação de cada um a partir da anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho, possuindo uma perspectiva biológica e determinista. (PETRY E MEYER, 2011)

Homofobia Internalizada

De acordo com França (2004), vivemos ainda hoje em uma cultura homofóbica, com a constante manifestação dos mais variados sentimentos negativos em relação aos homossexuais, sejam esses sentimentos expressos de maneira explícita ou não. A nossa sociedade se apresenta de modo heterocêntrico, que parte do princípio de que supostamente os seres humanos são seres naturalmente heterossexuais e que por tanto, o estilo de vida heterossexual é o padrão normal, e único aceitável. Este tal princípio determina uma atitude inconsciente, não intencional, de

marginalização e exclusão de qualquer pessoa que fuja às normas.

França (2004) comenta ainda que:

Para alguns homossexuais é apenas possível de se entender os meandros psicológicos pelos quais passaram, uma pessoa que tenha crescido como gay ou lésbica no nosso mundo heterossexual, argumentando ainda que em outros grupos pertencentes à outras minorias sociais (raciais ou religiosos por exemplo), as crianças tem com quem se identificar, como por exemplo com os seus pais, e então observá-los e aprender com eles a lidar com os atos discriminatórios presentes em seu dia-a-dia. Pais e filhos, constroem uma forte ligação e identificação com o grupo minoritário e estão do mesmo lado contra a discriminação. Isso porém, não se observa com homossexuais, que não pertencem ao mesmo grupo de seus pais, logo não podem aprender com eles a como lidar com a homofobia, e frequentemente são discriminados, rejeitados e

oprimidos pela própria família, ao invés de tê-los como aliados no processo do enfretamento da homofobia.

Pereira e Leal (2002) afirmam que muitos homossexuais cresceram em ambientes de isolamento emocional, social e mesmo cognitivo, que os levaram a interiorizar uma série de estereótipos, vividos geralmente como fracassos, limites defeitos ou mesmo como obstáculos.

Diante dessa trama, não podemos esquecer que esses ensinamentos condicionantes de práticas homofóbicas exercem influência em todos nós, inclusive nas próprias vítimas dessa violência, nos próprios homossexuais, através do processo da homofobia internalizada, assim conforme corrobora a seguinte afirmação:

A homofobia enquanto dispositivo de controle promove uma percepção negativa e homogeneizada da homossexualidade, no campo social, que resulta, no campo individual, em uma homofobia internalizada. (TEIXEIRA FILHO & MARRETTO, 2010)

Segundo Meyer & Dean (1998), homofobia internalizada é o direcionamento das atitudes sociais

negativas para o self da pessoa gay, levando à desvalorização desse self e resultantes conflitos internos e uma autoimagem empobrecida.

Para França (2004), ainda hoje os homossexuais tem dificuldades em aceitar a sua própria sexualidade, devido à homofobia internalizada. Em virtude das várias formas de expressão do preconceito e da pressão invisível da sociedade, os próprios homossexuais internalizam a homofobia, direcionando sentimentos de não aceitação a si mesmos. Esta negação, ou não aceitação da condição homoerótica, de origem externa ao sujeito, proveniente da lógica sádica de uma sociedade na qual o entendimento de uma dada manifestação de orientação sexual considerada um desvio da suposta normalidade, pode trazer uma série de danos psicológicos ou mesmo materiais para gays e lésbicas, acarretando dificuldades em suas relações parentais e conjugais.

A vivência de experiências que envolvem situações de agressão e violência pode trazer marcas e consequências não apenas de ordens físicas, mas principalmente psicológicas que perduram por muito tempo, após os efeitos físicos imediatos terem passado. Herek (1991) faz uma revisão

acerçadas consequências psicológicas que este tipo de experiência pode trazer. Ser alvo de discriminação, por exemplo, gera sentimentos como de tristeza, ansiedade, além de uma provável insatisfação com a comunidade de pertença. Ao sofrer uma violência física, encontra-se em conjunto uma elevação no nível de stress psicológico: além dos sentimentos imediatos de negação e medo, frequentemente surgem sentimentos negativos, de raiva, tristeza, autopiedade, culpa e inadequação. Sentimentos como os de perda, rejeição, humilhação e depressão também são comuns. Ainda sobre as consequências Herek (1991), lista algumas reações comportamentais e somáticas que incluem distúrbios no sono, choro incontrolável, agitação, uso de drogas e deterioração dos relacionamentos interpessoais.

Autores como Blumenfeld (1992), Isay (1998) & Hardin (2000) citados por Teixeira Filho e Marretto (2010), afirmam que diante das práticas homofóbicas, os homossexuais acabam por sofrer os seguintes efeitos:

- 1) Negação da sua orientação sexual (do reconhecimento das suas atrações emocionais) para si mesmo e para os outros;

2) Tentativas de mudar a sua orientação sexual;

3) Sentimento de que nunca se é “suficientemente bom”, o qual conduz à instauração de mecanismos compensatórios, como, por exemplo, ser excessivamente bom na escola ou no trabalho (para ser aceito);

4) Baixa autoestima e imagem negativa do próprio corpo, depressão, vergonha, defensibilidade, raiva e/ou ressentimento (o que pode levar ao suicídio já em tenra juventude);

5) Desprezo pelos membros mais “assumidos” e “óbvios” da comunidade LGBT;

6) Negação de que a homofobia é um problema social sério;

7) Projeção de preconceitos em outro grupo-alvo (reforçados pelos preconceitos já existentes na sociedade);

8) Tendência de tornar-se psicológica ou fisicamente abusivo, ou permanecer em um relacionamento abusivo;

9) Tentativas de se passar por heterossexual, casando-se, por vezes, com alguém do sexo oposto, para ganhar aprovação social ou na esperança de “se curar”;

10) Práticas sexuais não seguras e outros comportamentos autodestrutivos e de risco (incluindo a gravidez e o de ser infectado pelo vírus HIV);

11) Separação de sexo e amor e/ou medo de intimidade, capaz de gerar até mesmo um desejo de ser celibatário(a);

12) Abuso de substâncias (incluindo comida, álcool, drogas e outras).

Suicídio

A partir do exposto ante então, podemos começar a perceber um panorama de vulnerabilidade social vivenciada pelo homossexual em nossa sociedade atual, sobre tudo no que diz respeito ao sofrimento de ordem emocional. As práticas discriminatórias e discursos de ódio acabam por se objetivar no indivíduo como uma vivência de sofrimento emocional intensa, por vezes o levando a alguns posicionamentos mais radicais em resposta às violências sociais vividas pelos mesmos, por exemplo, as tentativas de suicídio, conforme veremos a seguir, mas antes teremos algumas considerações acerca desse tema.

O suicídio é um ato voluntário contra a vida, auto-infligido, que resulta em morte. É um fenômeno complexo que possui uma etiologia variada, englobando elementos biológicos, genéticos, sociais, psicológicos (conscientes e inconscientes), culturais e ambientais. (WHO, 2014)

Para Rocha (2012) Uma tentativa de suicídio coloca a pessoa sempre diante de um problema existencial significativo. Ela tem de responder a si mesma qual o valor que a vida tem para ela. Quem tenta contra a própria vida, seguramente, já não mais encontra valor nela. Quem sobrevive a uma tentativa suicida reorganiza tal saber de modo lento, mas nem sempre consegue resultados significativos.

A agressão deliberada contra a própria vida revela a condição de aniquilamento em que se encontra a pessoa, mas faz atentar, também, à significação que atribui às suas relações e o quanto elas participam de seu aniquilamento existencial, não apenas para sua condição pessoal. Uma existência despotencializada deixa a vida com pouco significado, fazendo a morte parecer a opção mais viável para resolver seus problemas. (ROCHA, 2012)

Ribeiro (2007) menciona algumas pesquisas que estabelecem a

prevalência de pensamentos suicidas ligados à pessoa homossexual, afirmando que importantes estudos realizados em países da Europa e América do Norte mostram que a incidência do risco de suicídio entre adolescentes é bem maior entre homossexuais. Através dessa pesquisas Ribeiro afirma (2007) afirma

Nos EUA, 62,5% dos adolescentes que tentam suicídio são homossexuais. Ali e no Canadá, pessoas entre 15 e 34 anos homossexuais têm de 4 a 7 vezes mais riscos de suicidarem-se do que seus coetâneos heterossexuais. Na França, onde o suicídio é a segunda causa de mortes entre pessoas de 15 a 34 anos, as probabilidades de um/a homossexual terminar com sua vida são 13 vezes maiores do que as de um seu/sua coetâneo/a heterossexual de mesma condição social. De cada três indivíduos franceses que cometem uma tentativa de suicídio, um é homossexual.

Conforme apresentado por Schmitt et al. (2008), o número de suicídio no Brasil vem crescendo

significativamente nas últimas décadas. Em 2005, Mello-Santos et al. Citados por Schmitt et. al. (2008) publicaram um estudo sobre as taxas nacionais de morte por suicídio entre os anos de 1980 e 2000. Os autores encontraram uma média de três a quatro suicídios/100.000 habitantes no Brasil, sendo a incidência quatro vezes maior entre homens e com taxas crescentes nas faixas etárias mais jovens.

Já de acordo com o site oficial do Ministério da Saúde, no ano de 2010, ocorreram no Brasil, 9.448 suicídios, correspondendo a uma taxa e mortalidade específica de 5,0 óbitos/100.000. Na pesquisa em questão não é possível categorizar a orientação sexual daqueles que cometeram suicídio.

Em uma pesquisa realizada pelo Unesco, citada por Ribeiro (2007), constatou-se que acreditam ser a homossexualidade uma doença cerca de 12% de professores/as em Belém, Recife e Salvador, entre 14 e 17% em Brasília, Maceió, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Goiânia e mais de 20% em Manaus e Fortaleza. Não gostariam de ter colegas de classe homossexuais 33,5% dos estudantes de sexo masculino de Belém, entre 40 e pouco mais 42% no Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Goiânia,

Porto Alegre e Fortaleza e mais de 44% em Maceió e Vitória. Pais de estudantes de sexo masculino que não gostariam que homossexuais fossem colegas de seus filhos: 17,4% no Distrito Federal, entre 35% e 39% em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, 47,9% em Belém, e entre 59 a 60% em Fortaleza e Recife. (UNESCO, 2004)

Atitudes preconceituosas dentro de ambientes que supostamente favorecem a socialização humana permitem a vulnerabilidade social sofrida pelos homossexuais em diferentes contextos, Pereira (2011) afirma:

Verifica-se a presença de risco acrescido de tentativa de suicídio em jovens com orientação homossexual e bissexual. A relação entre homossexualidade e suicidalidade pode ser mediada pela coexistência de elevadas taxas de outros factores de risco suicidário nesta população de jovens, nomeadamente maior risco de rejeição parental e pelos pares, fenômenos de bullying; e maior risco de depressão, abuso de álcool e substâncias. (PEREIRA, 2011)

Homofobia e suicídio na literatura científica

Em uma pesquisa realizada por Taquette et. al. (2005) com 105 rapazes de diferentes orientações sexuais, acerca de compreender a vivência da sexualidade na adolescência, traz algumas falas que podem ilustrar uma relação entre vítimas de homofobia e ideação suicida. O entrevistado número 9 da pesquisa apresenta os seguintes dados:

[...]Diz-se homossexual e aparenta feminilidade. Refere que percebeu sua tendência homossexual aos seis anos, pois achava os homens bonitos e gostava de olhar para eles. Sexarca aos 14 anos com prostituta, por pressão do padrasto, para “virar homem”. Abuso sexual por homem aos 12 anos. Usou preservativo algumas vezes. Tentou suicídio há duas semanas tomado medicamento antidepressivo... o adolescente da entrevista número 9 assinalou fuga de casa e tentativa de suicídio, devido à pressão familiar para “virar homem”.(TAQUETTE et. al., 2005)

Mott (2001) ilustra em seu dossiê acerca das vítimas de homofobia alguns casos que tiveram como desfecho a concretização do suicídio:

MENOR FERRE COLEGA NA SALA DE AULA POR SER CHAMADO DE GAY, RJ

Cansado de ser tachado de homossexual pelos colegas de escola, o menor D., 14, pegou um facão do padrasto, Alcir Azeredo da Silva, 58, e golpeou no pescoço, costas e braços, V.H., 14, dentro da sala de aula do CIEP 226, em Duque de Caxias. Após a agressão, o menor D. fugiu dos colegas, que indignados estavam armados de paus e pedras a sua procura. D. então chegou em casa desesperado e comeu folhas venenosas, numa tentativa de suicídio. Seu padrasto levou-o até o Juizado da Infância e da adolescência de Duque de Caxias. Para a diretora Alderlice Sampaio, a agressão de D. surpreendeu professores e funcionários. “Ele sempre foi introvertido e com dificuldades de se relacionar com o grupo. Talvez por isso, os colegas brincassem, chamando-o de homossexual”, explicou. (O DIA/RJ, 19-4-2000, apud MOTT, 2001).

Mais uma vez Mott (2001) revela outro caso de suicídio decorrente das práticas homofóbicas:

GAY ADOLESCENTE SE SUICIDA EM MATO GROSSO

Segundo informação do grupo União da Comunidade Homossexual de Tangará da Serra, MT, “um garoto de 16 anos se suicidou há 15 dias, em Jura: o adolescente vinha sendo perseguido na escola, depois que descobriram sua condição de homossexual. Muitos homossexuais optam pela prostituição por falta de

oportunidades profissionais, já que as empresas dificilmente toleram um homossexual em seu quadro de funcionários”. (Fonte: A GAZETA/MT, 30-04-2000, apud MOTT, 2001)

Já Silva (2012) por sua vez, demonstra um estudo sobre o adolescente gay e a capacidade de resiliência da família, na qual, o seu entrevistado afirma:

Temos graves crises existenciais e por vezes vamos à loucura do abismo. Nas crises não queremos ver ninguém, deixamos de gostar de viver e passamos a odiarmo-nos por sermos assim, é horrível e muito difícil superar uma crise sozinho sem ajuda. Pensamos em nos matar porque somos aberrações, inúteis, motivo de desgosto, etc... e alguns passam mesmo da teoria a prática e colocam termo a uma vida que lhes aparece a incriminá-los sem estes terem cometido um crime. (J.G., apud SILVA, 2012)

Considerações Finais

Para Ribeiro (2007) O termo “homofobia” é usado em referência a um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a

preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contrapessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros, travestis e transexuais e, contra pessoas cujas expressões de gênero não se enquadram nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia transcende a hostilidade e aviolência contra LGBT e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes sexistas, que têm a heterossexualidade como norma, a heterossexualidade é conferida então como possibilidade única de expressão sexual, enquanto a homossexualidade é encarada sobre o olhar de desviante, anormal ou mesmo passível de cura, como ali se estivesse presente algum tipo de doença.

A partir deste estudo, podemos verificar uma relação entre homofobia e o comportamento suicida, percebemos que a prática do suicídio, em toda a sua complexidade, não se exime de um olhar acerca ao sofrimento produzido no contexto social em que se está inserido aquele que o pratica, as relações humanas desenvolvidas dentro de uma sociedade estritamente heteronormativa parece colocar a prática do suicídio como um atentado contra a própria vida, porém analisando os fatos expostos não se trata de um fenômeno alojado em uma

individualidade deslocada ou isolada das forças sociais, forças essas que tratam por sedimentar e cultivar o desejo do ato suicídio como um recurso final, uma tentativa de apaziguar o sofrimento tremendo o qual se vivencia, perante uma sociedade que não conseguiu em termos de igualdade, acolher a homossexualidade como uma expressão normal do comportamento, sociedade essa que parece ainda insistir em um modelo supostamente normal de heterossexualidade em detrimento da própria lógica da diversidade humana.

Diante do exposto e das correlações entre homofobia e suicídio, apresentadas neste trabalho, encontramos evidências que revelam uma realidade vivenciada na prática de suicídio por pessoas LGBT, esses suicídios estão estritamente ligados aos indivíduos sob uma interferência/relação entre o "o ato de atentar contra a própria vida" praticado por estes indivíduos e a prática social da homofobia.

Está escondido por trás da prática do suicídio um outro crime, associado a prática da homofobia, um tipo de suicídio velado, que pode ser configurado como um "Suicídio Heterocorretivo", em que temos uma prática de assassinato corretivo pautada

em princípios de uma sociedade heteronormativa na qual a partir da prática da homofobia, provoca-se a morte da vítima, encoberta sobre o manto do suicídio, podendo então ser concebido, não como suicídio, mas como um "assassinato indireto".

Negar-se direitos aos companheiros que vivenciam uma relação homoafetiva, negar-se que a homofobia é um crime contra a vida humana, parece que é uma forma de não querer enxergar a realidade do sofrimento vivenciado pelos homossexuais e ainda colocar as relações homoafetivas a um status inferior ao de uma expressão da sexualidade humana. Os atos de homofobia são atos que atentam direta ou indiretamente contra a vida da pessoa homossexual, assim como um preconceito arraigado numa história de ódio e discriminação, parece ser importante pensar a prática da homofobia como crime, não apenas como uma brincadeira de mau gosto, mas levar o entendimento de que é uma prática violenta, que ao ser vista conforme o crime que realmente ela é, passe então a ser aos poucos desestimulada.

Diante do exposto, é necessário que as práticas homofóbicas sejam vistas

com uma seriedade maior, acerca dos danos que causam as suas vítimas, estamos diante de um crime, que ainda não foi reconhecida em sua prática, tornando necessário uma tipificação da homofobia como crime.

REFERÊNCIAS:

- Almeida Neto, Luiz Mello de.;Crillanovick, Quéfren (1999), “A cidadania e os direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil,” em Oliveira, Dijaci David de et al (org.), 50 anos depois: Relações raciais e grupos socialmente segregados. Brasília: Movimento nacional de direitos humanos, 167-183.
- Bento, Berenice Alves de Melo (2011), “Na escola se aprende que a diferença faz a diferença”, Estudos Feministas, 2, 19, 549-559. Consultado a 25.06.2014, em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/21485>
- Bento, Berenice Alves de Melo (2008). O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense.
- Barbosa, Bruno Rafael Silva Nogueira (2014). Construindo Uma Identidade dos Direitos Trans: Uma busca por uma Adequação do gênero aos seus Direitos Previdenciários. ConteudoJuridico, Consultado a 25.06.2014, em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.48601&seo=1>
- Barbosa, Bruno Rafael Silva Nogueira; Cruz, Eduardo Ailson da (2014). João ou Maria? Maria ou João?: As dificuldades da adequação do gênero ao Nome civil. Revista Gênero & Direito, 1, 1, 124-145. Consultado a 25.06.2014, em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/article/view/18293>
- França, Maria Regina Castanho (2009). Famílias homoafetivas. Revista Brasileira de Psicodrama, 17, 1
- Herek, Gregory, (1991). Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men, In J. Gonsiorek& J. Weinrich (Eds.).Homosexuality: Researchimplicationsforpublicpolicy, 60-80.
- Junqueira, Rogério Diniz (2012). Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar, em Milskolci, Richard (Org.). Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos. Consultado a 25.06.2014, em: <http://www.gper.com.br/noticias/d7f78fb3181f83ce3d9df79af5a92f82.pdf>
- Lacerda, Marcos et al, (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. Psicologia: Reflexão e Crítica, 15, 165-178
- Mesquita, Teresa Cristina Mendes de, (2008). Homossexualidade: Constituição ou Construção? Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) Brasília.
- Ministério Da Saúde. Consultado a 23.06.2014, em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2011/c09.def>
- Mott, Luís; Cerqueira, Marcelo (2000). Causa Mortis: Homofobia.Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil. Salvador (BA): Editora Grupo Gay da Bahia.
- Mott, Luís. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? (2002) Gênero & cidadania, 143-256. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP

Pereira, Henrique; Leal, Isabel (2002). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Indisciplinar a Teoria: Estudos Gays, Lésbicos e Queer*, 245-260. Lisboa: Fenda

Petry, Analídia Rodolpho, Dagmar Estermann Meyer (2011). Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, 10, 1, 193-198, Consultado a 25.06.2014, em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>

Ribeiro, Marcos (2007). Saúde e Prevenção na escola. In: *Salto para o futuro*. Consultado a 23.06.2014, em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/105148saudeprevencao2.pdf>

Ribeiro, Thaysa Halima Sauáia (2003). Adoção e sucessão nas células familiares homossexuais. *Equiparação à união estável. JusNavegandi*, 7, 62

Rocha, Marcio Arthoni Souto da, et. al. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18, 1, 69-78

Schmitt, Ricardo et. al. (2008). Perfil epidemiológico do suicídio no extremo oeste do estado de Santa Catarina, Brasil. *RevPsiquiatria RS*, 30, 2, 115-123

Silva, Valdeci. Gonçalves da (2012). O adolescente gay e a capacidade de resiliência da família (estudo de um texto biográfico). In: *Psicologia.pt*. Consultado a 23.06.2014, em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0295.pdf>

Taquette, Stella R et. al. (2005). Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. In: *Ciência e Saúde Coletiva*. 10, 2, 399-407.

Teixeira-Filho, Fernando Silva; Carina Alexandra Rondini (2012). Ideações e

tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, 21, 3, 651-667

Torrão Filho, Amílcar (2000). *Tríades galantes, fanchonosmilitares: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus

Ventura, Miriam (2010). *A transexualidade no tribunal: Saúde e Cidadania*. Rio de Janeiro: Eduerj

Werlang, Blanca Susana Guevara, et. al. (2005). Fatores de risco ou proteção para a presença de ideação suicida na adolescência. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39, 2, 259-266

Werlang, Blanca Susana Guevara, et. al. (2005). Índícios de Potencial Suicida na Adolescência. *PsicologiaRevista*, 14, 1, 41-58

World Health Organization. Background [On-line]. Consultado a 23.06.2014, em: <http://www.who.int/mental-health/suicide>

Laionel Vieira da Silva:

Graduado em Psicologia pela UFPB. Aluno Especial do Mestrado em Ciências das Religiões na UFPB.

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa:

Graduando em Direito pela UFPB.